

POTÊNCIA MÁXIMA – COMPREENDENDO A SEXUALIDADE MASCULINA*

*Haruo Okawara*¹

MAXIMUM POTENCY – UNDERSTANDING THE MALE SEXUALITY

Resumo: Poucas coisas proporcionam tanto orgulho e satisfação ao homem adulto – sobretudo se está excitado e diante da mulher amada – que sentir seu pênis flácido tornar-se enorme, rígido, poderoso. Resultado de rápido e eficiente remanejamento de fluxo sanguíneo, a ereção altera de maneira impressionante a anatomia de seu órgão sexual, que se torna o maior dentre as 193 espécies de primatas até hoje conhecidas. Contemplar este órgão em sua máxima potência é, seguramente, evento que a maioria dos homens gostaria de ver repetido muitas vezes em suas vidas, seja para expressar amor, gerar filhos ou por puro prazer. Mas, o *Homo sapiens*, que também se vangloria de possuir o maior e mais eficiente cérebro dentre todos os primatas, tem o hábito de se entreter com complexas cogitações sobre seu próprio comportamento. Talvez por isso, muitos homens despendem tempo enorme se debatendo num angustiante conflito: por um lado, contemplam o próprio pênis como se fosse a fonte dos momentos mais prazerosos de suas vidas, e por outro, o culpam como se fosse a causa de seus vexames e frustrações. Observações clínicas revelam que os sentimentos ambivalentes que os homens experimentam em relação ao seu desempenho sexual podem comprometer, em grande medida, sua autoconfiança, seu ajustamento social e sua eficiência profissional.

Palavras-chave: Sexualidade masculina; pênis; ereção; repressão sexual; ansiedade sexual.

* Este artigo refere-se à exposição realizada na 2ª Jornada CEPCoS de Sexualidade Humana, em novembro de 2007, em São Paulo – SP.

¹ Médico graduado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Ex-Chefe de Departamento de Ginecologia Psicossomática e Sexologia do Hospital das Clínicas, São Paulo. Diretor da clínica Kinsey, SP. e-mail: haruookawara@uol.com.br

Abstract: Few things give such pride and satisfaction to the adult man – mainly if he is aroused and in the presence of the woman he loves – than to feel his flacid penis turning big, hard, powerful. Outcome of rapid and efficient blood flow rerouted, the erection changes in a very impressive way the anatomy of his organ, that becomes the biggest among the 193 species of primates known until today. Watching this organ at its maximum potency is, surely, an event that most men would like to see repeated many times in their lives, simply to show love, to pass the genes or for pure pleasure. But, the *Homo sapiens*, who also brags about having the biggest and the more efficient brain among all primates, has the habit of entertaining himself with complex cogitations about his own behavior. Maybe because of this, many men spend much of their existence debating on a distressing conflict: on one side, watching their own penis as if it were the source of the most pleasurable moments of their lives, and on the other hand, blaming it as if it were the cause of their shame and frustrations. Clinical observations proves that the ambivalent feelings men have about their sexual performance can jeopardize, in great measure, their self-confidence, social adjustment and professional efficiency.

Keywords: Male sexuality; penis; erection; sexual anxiety; sexual repression.

Introdução

Uma questão exaustivamente debatida nos anos 70 do séc. XX, sobretudo por movimentos feministas, foi a das diferenças e semelhanças entre os sexos masculino e feminino. Em homens e mulheres, o que seria influenciado pela cultura e o que seria estabelecido pela biologia? Após mais de três décadas, há o consenso de que, a despeito da enorme influência da aprendizagem cultural na codificação dos comportamentos sociais, muito do que os seres humanos praticam ao longo de suas vidas seja imposto por determinismos biológicos. Tal é o caso do comportamento sexual, em que são nítidas as diferenças biológicas entre os sexos. A primeira e mais evidente é que os homens reagem aos estímulos sexuais com ereção, enquanto as mulheres são penetradas. Embora óbvio, tal fato influencia enormemente a maneira como ambos os sexos vivenciam suas sexualidades.

Na mulher, o sexo é processo interno, algo como visita aguardada ou invasão indesejada, conforme o sentimento que ela nutre pelo parceiro. Essa penetração nem sempre significa violência para a mulher, até porque ter no interior de seu corpo um órgão do homem que ama e em quem confia

pode ser experiência gratificante e repleta de ternura. É quando não importa saber quem está penetrando em quem, já que o pênis é nesse momento uma propriedade conjunta. Já para os homens, o sexo é processo externo, polarizado em órgão que eles precisam fazer avançar. E, para muitos deles, aqui pode começar uma das maiores aflições de suas vidas. Enquanto a mulher, de modo geral, necessita apenas deixar que o sexo aconteça, o homem precisa de reação fisiológica concreta para cumprir seu papel.

Potência máxima

Talvez escape à percepção feminina, mas poucos acontecimentos são tão necessários a um homem que observar seu pênis flácido se enrijecer no momento do ato sexual, reafirmando seus sentimentos de virilidade e poder. Sentir esse falo pulsando em sua máxima potência é ocorrência que a maioria dos homens gostaria de ver sempre repetida, seja para gerar filho, expressar amor ou por puro prazer. É espetáculo que eles não se cansam de contemplar, até porque o processo da ereção peniana não deixa de ser fenômeno impressionante: deflagrado por estímulos físicos e psíquicos, um remanejamento de fluxo sanguíneo faz com um apêndice quase feio e desajeitado, situado assimetricamente no meio do corpo, se avolume e altere sua anatomia, transformando-o num órgão portentoso, o maior dentre as 193 espécies de primatas até hoje conhecidas.

Comparado ao coração ou ao cérebro – órgãos de nobreza e importância indiscutíveis no imaginário popular –, o pênis não passaria de “patinho feio” da anatomia humana não o tivesse a natureza dotado da capacidade de desenvolver ereção e, com isso, mudar de função. Do ponto de vista anatômico, esse órgão é apenas um apêndice pendurado no corpo, como sugere a própria etimologia do nome, derivado do latim *pênis, is* (apêndice, cauda). Recolhido em seu canto, sem qualquer atrativo, cumprindo a prosaica tarefa de escoar urina, não despertaria maior interesse que um nariz ou uma orelha. Tampouco chamaria atenção, a menos que tenha defeito anatômico, doença infecciosa ou distúrbio funcional. Contudo, na plenitude de uma ereção, mudando de cor, forma e tamanho, ele abandona o anonimato do aparelho urinário, e se transforma em atração tão fascinante quanto a nudez feminina. E se o objetivo é a procriação, passa a desfrutar de prestígio quase metafísico como um dos órgãos essenciais para cumprir o que determina a maioria das religiões: “Frutificai e multiplicai-vos”. Mas esse bastão biológico faz mais que gerar vida, garantir a sucessão e povoar a Terra.

Para muitos indivíduos, ser capaz de ostentar esse pênis vigoroso é pré-requisito essencial para que se sintam seguros em sua condição de homem. Em razão dessa complexa simbologia, tal órgão é, de longe, dentre as partes de seu corpo, aquela com a qual os homens estabelecem a relação mais ambivalente, experimentando sentimentos que oscilam de satisfação à tristeza, de orgulho a constrangimento, conforme a percepção e a avaliação que façam desse órgão. Alguns o acariciam como o responsável pelos momentos de maior prazer em suas vidas, enquanto outros o apontam como o culpado de sua infelicidade amorosa e até de seus fracassos existenciais. Nada mais freqüente na prática clínica que observar pacientes ansiosos e inconformados com o tamanho ou com o grau de rigidez de seu órgão sexual, com a sua capacidade de controlar o reflexo ejaculatório ou com a intensidade de prazer que experimentam. É como atua nos homens a imprevisível dinâmica peniana: proporciona-lhes imensa felicidade se tudo der certo, mas profunda angústia se a expectativa de sucesso imposta pela cultura não se cumprir por falhas de desempenho.

Repressão sexual e construção da civilização

Em contexto mais amplo, o uso que os homens fazem de seu órgão sexual tem, na verdade, profundas implicações sócio-econômicas, éticas e emocionais. Assim, no início do século XX, Sigmund Freud (1905), o criador da psicanálise, já sustentava que a construção da cultura e da civilização não teria sido possível se os homens não desviassem para essa tarefa grande parte da energia que despenderiam em atividades instintivas, como o lazer e a gratificação sexual. Para esse autor, a noção de civilização implicava obrigatoriamente a repressão da libido, ou seja, as realizações da cultura seriam consequência da sublimação da energia sexual. Embora reconhecesse que a tendência mais primitiva do homem fosse a procura do prazer a qualquer preço, ele observava que se o homem se permitisse viver exclusivamente de acordo com o que denominou de “princípio do prazer”, não conseguiria se organizar com eficiência para prover suas necessidades de subsistência. A saída do dilema seria refrear ou adiar a busca do prazer ou, até mesmo, desistir da satisfação das necessidades instintivas, no intuito de garantir a sobrevivência – é o que ele chamou de “princípio da realidade”.

Contudo, posteriormente, nem seus seguidores aceitaram sem reservas conclusão tão categórica. Filósofos, como Herbert Marcuse (1972), propuseram interpretações mais amplas da oposição entre os princípios do prazer e da realidade. De acordo com esse autor alemão, uma das repercussões

do princípio da realidade na expressão sexual é o que ele denominou de “organização repressiva da sexualidade”, segundo a qual a função sexual ficaria restrita à atividade dos órgãos genitais, basicamente destinada à procriação no âmbito de uma instituição monogâmica. Nessa ordem repressiva, em que o “normal” e o “aceitável” seriam apenas o “socialmente útil”, as manifestações de prazer passariam a ter sabor de coisa proibida. Em tal ambiente – que se intensificou a partir do século XVII, nos primórdios da Era Industrial –, não se poderia permitir que a energia produtiva fosse dissipada em prazeres, salvo naqueles que, segundo Michel Foucault (1976), reduzidos ao mínimo, possibilitassem aos trabalhadores procriar-se. De acordo com esse filósofo francês, se o sexo é reprimido com tanto rigor, é porque se admitia ser incompatível com um condicionamento geral e intensivo para o trabalho. A sexualidade passou, então, a ser cuidadosamente confinada dentro de casa, mais precisamente no quarto dos pais, nas noites monótonas da burguesia vitoriana. Não por acaso, a institucionalização da repressão sexual, como parte da ordem burguesa, coincidiu com o desenvolvimento do próprio capitalismo.

Atualmente, passado o apogeu da Era Industrial, e já em meio à Sociedade da Informação, como a maioria dos homens lida com sua sexualidade? Inquéritos sobre o comportamento sexual e evidências clínicas indicam que a despeito da pílula anticoncepcional, do movimento feminista e da liberalização dos costumes, a relação que boa parte dos homens estabelece com sua sexualidade ainda é precária, carregada de tensão e ansiedade.

Implicações econômicas do impulso sexual

Na verdade, não foi tanto à repressão sexual que reduziu o prazer erótico, e sim, um comportamento sutil, cultivado nas próprias entranhas do capitalismo: a busca obstinada de resultados. Paradoxalmente, a obsessão pelo sucesso e pela excelência do desempenho funcional – traço de personalidade quase indispensável aos que pretendem galgar postos em grandes corporações – resultou em tiro pela culatra no campo da sexualidade. Para entender essa aparente contradição, é preciso lembrar-se que os seres humanos vêm ao mundo dotados de dois instintos básicos: a agressividade, para a própria sobrevivência, e a sexualidade, para a perpetuação da espécie. Dotado do maior e mais eficiente cérebro dentre os primatas, o *Homo sapiens* logo direcionou a energia de sua agressividade numa atividade mais eficiente e menos perigosa, qual seja, o trabalho. Assim, para se alimentar, ele não necessitava mais ativar sua agressividade e deglutir uma ave com pena e

tudo – como faria um crocodilo –, mas passou a trabalhar, receber salário e pedir um *canard al'orange* no seu restaurante favorito. Paradoxalmente, apesar de seu imenso atrativo, a sexualidade não contou com idêntico reforço social, e teve seu uso cuidadosamente controlado pela moral burguesa, talvez por ocultar ameaçadoras implicações econômicas. Sim, além de desviar fortunas – como para o sustento de amantes –, sexo pode resultar em filhos, que geram despesas – dilapidando até patrimônios inteiros – e podem se tornar herdeiros, mesmo quando frutos de furtivas aventuras extraconjugais.

Assim, apesar de ansiar pelo imenso prazer que o sexo lhes poderia proporcionar, muitos homens o praticam bem menos do que desejariam, e quando o fazem, têm sua satisfação freqüentemente tolhida por medo, ansiedade, insegurança ou culpa. Como a energia sexual do abstinente não se perde no vácuo – é o que ensina a psicanálise –, ela acaba se sublimando, sobretudo no campo da arte. “Arte é sexo”, já dizia Picasso, e bem se poderia dizer que a inspiração primeira de algumas das mais belas obras primas da humanidade tenha realmente sido um desejo sexual abortado. A própria relação sexual é, em essência, obra de arte que os casais de amantes recriam toda vez que se encontram. Visceralmente ligado às sensações, o que é o prazer sexual, senão indescritível evento estético?

Por estar mais para o plano das artes que do trabalho, o prazer erótico se empobrece toda vez que o sexo se reduz à mera tarefa a ser executada algumas noites por semana, após um dia tenso na empresa. É no quarto, na hora do amor, que o homem se sente, então, particularmente vulnerável. Habitado a manter sob rígido controle as variáveis de seus negócios, na cama ele se depara, no entanto, com reações imprevisíveis que não consegue controlar. Mesmo assim, condicionado a fazer avaliações quantitativas, sua tendência será calcular o que pouco conta para o prazer sexual, como “grau de ereção”, “duração do ato”, “volume de esperma”, “freqüência de relações”, “número de parceiras” e assim por diante. Inevitavelmente, tais avaliações, conduzidas sob forte ansiedade, acabam bloqueando qualquer clima erótico que porventura começasse a surgir.

Conclusão

Na verdade, em se tratando de prazer erótico, nada mais contraproducente que essa obsessão por eficiência mecânica e cumprimento de metas. Primeiro, porque ao focar a mente em tais objetivos, o homem deixa de apreciar a beleza que os caminhos (e as curvas) do erotismo lhe poderiam

desnudar. Depois, por estar muitas vezes estressado, pode não cumprir algumas de suas metas sexuais, e aí, a sensação de fracasso desaba pesadamente sobre ele. E “fracasso” é termo inaceitável na cultura machista.

Como o homem poderia desfrutar vida sexual gratificante, mantendo desempenho profissional de excelência? Levando em conta, antes de qualquer coisa, que sexo não pertence ao plano do trabalho, mas da arte, e neste domínio nada se quantifica, só se sente, só se aprecia. Depois, considerando que sexo, por ser função tão natural quanto dormir ou respirar, peculiar a cada pessoa e a cada casal, deveria sempre constituir expressão espontânea da personalidade, e não objetivo a ser alcançado. Ou seja, o sucesso na vida sexual não deveria resultar de metas obsessivamente perseguidas, como a penetração e o orgasmo, mas na erotização dos parceiros, ou seja, na capacidade de se deixar envolver por sensações eróticas e de atuar sensualmente, sem a obrigação de agir sexualmente.

Referências bibliográficas

- FOUCAULT, M. *La volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.
- FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Obras Completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

Bibliografia consultada

- COMFORT, A. *More joy of sex*. New York: Simon & Schuster, 1973.
- KAPLAN, H. & SAGER, C.J. Sexual patterns at different ages. *Medical Aspects of Human Sexuality*, (5)6, p.10-23, 1971.
- OKAWARA, H, & SAWAYA, R.B. *Amar – toda a realidade sobre a vida sexual*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- OKAWARA, H. *Terapia sexual*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.